

HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: ATIVIDADES ARTÍSTICAS PRÁTICAS

Djenane Vieira dos Santos Silva¹

Comunicação Oral – GT: Artes e Música

Resumo: O preconceito racial dentro na escola tem chegado a níveis alarmantes e cada vez mais o bullying tem marcado presença na realidade escolar. Alguns autores, que foram aportes teóricos desse trabalho, fazem questionamentos sobre africanidades e currículo e propõe algumas reflexões sobre a importância do estudo da cultura africana nas escolas como busca de identidade cultural e histórica do povo brasileiro. Tais questionamentos visam entender o porquê de certas atitudes de intolerância no ambiente escolar, quais as consequências desses atos e o papel dos educadores na tomada de discussões a respeito do racismo velado ou mesmo explícito. O projeto “África de Todos Nós”, objeto deste trabalho, surgiu da observação de atitudes de preconceito étnico e de gênero presentes em uma escola de ensino fundamental I e II da rede pública municipal de Jundiaí, onde 80% dos alunos são afrodescendentes. O projeto propôs aos alunos um estudo da cultura africana e sua contribuição para a formação da cultura brasileira (desde a diáspora africana até a incorporação de elementos culturais e linguísticos) e ao mesmo tempo propôs uma tomada de consciência étnica e valorização de si próprio e do outro, enquanto sujeito afrodescendente. A sustentação teórica para esse trabalho baseou-se nos PCNs, na Lei Federal nº 10639/03, artigos e textos de autores diversos. As linguagens artísticas usadas foram: Música, Pintura, Dança e Teatro. Para a realização das atividades de pesquisa e execução. Os alunos participaram ativamente de todo o processo, que culminou numa grande festa onde a escola interagiu com a comunidade. Mesmo após o desenvolvimento do projeto, as atividades de sensibilização foram estendidas também aos demais professores e também alunos do Ensino Fundamental II.

Palavras-chave: Arte – Cultura afro-brasileira – Ensino Fundamental

¹Graduada em Música pela Universidade Federal da Bahia. Professora de Artes na Secretaria Municipal de Educação de Jundiaí. dvjazz@hotmail.com

INTRODUÇÃO

A Lei Federal nº 10639/03 modificou outra lei, a de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) e em instâncias municipais, estaduais e federais visa a obrigatoriedade da inclusão das questões étnico-culturais em seus currículos. Contudo, “alguns municípios já haviam se antecipado à lei, como nos casos de Salvador (1989), Belo Horizonte (1990), Porto Alegre (1991), Diadema e Belém (1994), São Paulo e Distrito Federal, (1996) entre outras cidades. No entanto, sabemos que a lei não garante como deveria a sua realização” conforme explica Favero (2010).

Segundo Favero (2010), as questões raciais dentro do ambiente escolar, principalmente entre brancos e negros alcança níveis cada vez maiores e muitas vezes estão escondidas em situações lúdicas ou termos usuais que muitas vezes não são percebidos inclusive pelos próprios educadores.

Mas, o que fazer quando as questões envolvem os próprios afrodescendentes? Quando estes não se reconhecem como tal e veem o outro igual a si como um ser diferente?

De acordo com as afirmativas de Lopes (2006) o preconceito racial, no caso brasileiro, opera fundamentalmente em três dimensões: a moral, a intelectual, e a estética. Esse preconceito é reforçado através de atribuições, piadas e brincadeiras. A base desse preconceito racial é a idéia de que o negro é inferior na escala humana. A ciência explicava as diferenças culturais, como inferioridade racial. E no âmbito do desenvolvimento da criança e do jovem em formação, as conseqüências do racismo são ainda mais extensas e com relação a isso Lopes ainda cita:

“É fundamental, para um desenvolvimento tranquilo, que a criança se sinta valorizada pelo seu corpo, seu intelecto e sua moral e é essa experiência desvalorização da sua imagem que o preconceito racial tentar impedir na criança e no jovem negro”.

A autora ainda faz alguns questionamentos sobre africanidades e currículo e propõe algumas reflexões sobre a importância do estudo da cultura africana nas escolas como busca

de identidade cultural e histórica do povo brasileiro. Tais questionamentos visam entender o porquê de certas atitudes de intolerância no ambiente escolar, quais as conseqüências desses atos e o papel dos educadores na tomada de discussões a respeito do racismo velado ou mesmo escancarado, presente na escola.

É pouco comum ver projetos em escolas que buscam estudar a história e a contribuição do negro na formação cultural do nosso país. É muito comum ver “comemorações” restritas ao 13 de maio e ao 20 de novembro, datas ditas “simbólicas”.

Este projeto foi desenvolvido quando atuei como professora de Artes no Ensino Fundamental II, na EMEB Rotary Club em Jundiaí, São Paulo e meus alunos são moradores de uma comunidade carente próxima à escola, chamada Vila Ana. A grande maioria dos alunos é afrodescendente. Poderia ser este um fato comum, visto que o Brasil é um país de várias misturas e claro, as pessoas percebem suas diferenças étnicas.

No ano de 2010 nossa escola tinha três turmas de 5ª série (ainda era essa nomenclatura). Normalmente essa faixa etária demonstra muita energia e é uma fase de descobertas e ao mesmo tempo de disputas por mostrarem-se uns melhor que os outros. Notei que havia uma onda de discriminação por parte dos próprios alunos negros para outros também negros. Apelidos impronunciáveis, xingamentos, referências pejorativas com relação ao cabelo, cor da pele, traços (nariz, boca) e isso com certeza me incomodava muito, até porque também sou afrodescendente e não conseguia entender o porquê de tanta intolerância.

Alguns alunos com a cor de pele mais clara, nesse caso os pardos, não conseguiam se enxergar afrodescendentes, nem mesmo os alunos de cor negra aceitavam tal descrição. Diante desse fato passei dias pensando em algo que pudesse usar como estratégia para tentar mudar essa realidade. Criei expectativas com relação à apreensão dos conhecimentos sobre ética, cidadania e cultura afro-brasileira e assim criei o projeto “**África de todos nós**”.

O PROJETO

O projeto “**África de Todos Nós**” teve como objetivo mostrar a presença do negro na construção do nosso povo e da nossa cultura, mostrando que as misturas que se deram em nosso país originou um povo de muitas características e com isso, tentar ao máximo amenizar as questões da problemática étnica no contexto escolar, visto que os alunos viviam momentos de enfrentamento e intolerância entre si, estes, afrodescendentes em sua maioria.

A cada turma coube uma atividade artística: 5ª A – Dança; 5ª B – Máscaras e 5ª C Pintura em Tela, determinado assim por sorteio. Antes do início das atividades práticas, houve uma introdução teórica sobre aspectos históricos, desde a diáspora africana, passando pela cultura e religião dos negros, culminando nas palavras de origem africana que foram incorporadas ao nosso vocabulário, como *muleque*, *bagunça*, *fubá*, *denço* etc... Tais aspectos foram amplamente discutidos e explanados através de textos expositivos distribuídos para todos os alunos contendo mapas, figuras e indicações de sites e livros para pesquisas posteriores.

Com os alunos da 5ª A, trabalhamos uma coreografia mista, na verdade não específica de qualquer país africano, mas sim, um apanhado geral de vários ritmos e passos de danças de alguns países. Antes de montarmos a coreografia, pesquisamos na internet diversos tipos de danças africanas e seus significados na cultura de cada país. Foram muitas horas de pesquisas e os vídeos foram projetados no telão na sala de multimídia, para melhor visualização.

Em segundo momento, começamos a montagem da coreografia. Os alunos deram várias sugestões e participaram ativamente desse momento de criação artística. Alguns gostavam de dançar e demonstraram mais facilidade, outros apresentaram mais dificuldade, mas todos os alunos, com exceção de um apenas, participaram da montagem.



Ensaio da coreografia nas aulas de Artes.

O contexto da coreografia se deu com a entrada de uma “rainha africana” reverenciada por seus súditos. A aluna escolhida para ser a rainha é uma garota negra, que tem uma autoestima muito baixa e tem dificuldades em lidar com seus traços étnicos. No decorrer da montagem da coreografia falei sobre a realeza africana e como a beleza esta em cada um de nós, independente de cor, origem social ou religião.



A aluna Andrea (ao meio, em pé) no ensaio como a rainha africana.

Foi visível a satisfação dessa garota em fazer o papel principal, pois a mesma se sentia cada vez mais valorizada perante seus colegas de sala e dentro do contexto do projeto.

Com os alunos da 5ª B, foram produzidas máscaras artesanais a partir de modelos coletados na internet. Antes do início das atividades, foi introduzido um pequeno texto explicativo sobre o uso das máscaras principalmente em rituais religiosos. Alguns modelos:



Como base artesanal, utilizamos bexigas de ar, tiras de jornais e cola e todo o processo de montagem das máscaras foi registrado:



Etapa 1: Enchendo as bexigas de ar.



Etapa 2: Colando as tiras de jornal.



Etapa 3: Pintando a base com tinta branca

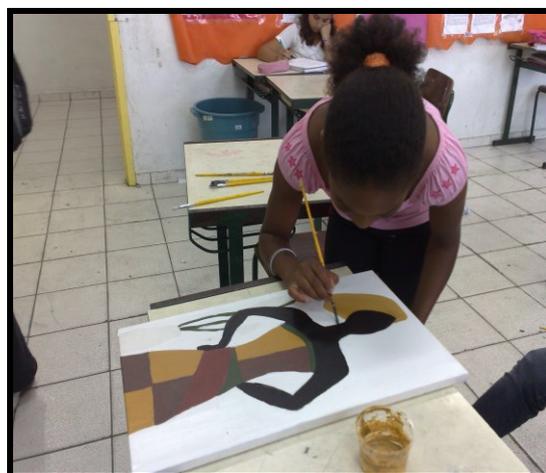


Etapa 4: Pintado as máscaras

Com os alunos da 5ª C, foram produzidas telas com tinta acrílica, e novamente os modelos foram coletados da internet. Eis alguns modelos:



O processo de produção das telas foi bem significativo para os alunos, pois eles gostam muito de pintar e foram momentos agradáveis de interação, onde puderam acompanhar o trabalho do colega, opinar, e fazer releitura das gravuras:



FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Como base teórica e apoio bibliográfico, usei o PCN – Temas Transversais de 5ª a 8ª série. Considerei esse documento como ponto primordial e tive como foco os trechos sobre a inserção dos temas transversais, o Convívio Escolar (pag 30) e os capítulos Ética e Pluralidade Cultural.

Nesse documento, encontrei os princípios norteadores principais para desenvolver o projeto nas questões de discussões e objetivos. Com relação á Ética:

Respeito Mútuo

Justiça

Solidariedade

Diálogo

Ainda nesse tema, as questões com relação ao

- ✓ Reconhecimento dos limites e possibilidades pessoais e alheias;
- ✓ Identificação e repúdio de situações de desrespeito;
- ✓ Identificação, formulação e discussão de critérios de justiça para analisar situações na escola e na sociedade;
- ✓ Atuação compreensiva nas situações cotidianas;
- ✓ Valorização do diálogo nas relações sociais.

O projeto também se insere no contexto da Pluralidade Cultural conforme o PCN (1998) e nossos objetivos são convergentes, como confirma os fragmentos a seguir:

“Conhecer a diversidade do patrimônio etnocultural brasileiro, cultivando atitude de respeito para com pessoas e grupos que a compõe, reconhecendo a diversidade cultural como um direito dos povos e dos indivíduos e elemento de fortalecimento da democracia”

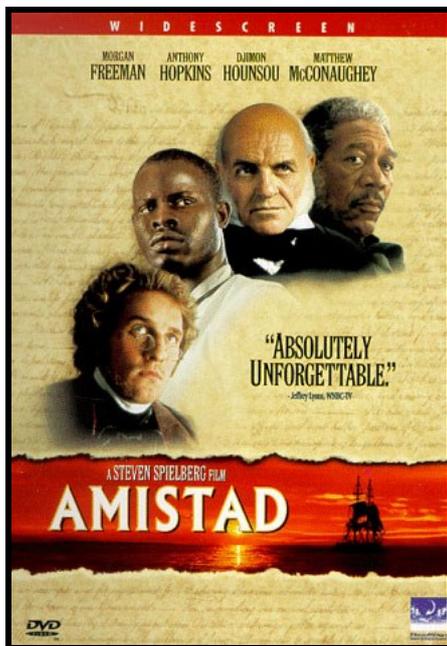
“Reconhecer as qualidades da própria cultura, valorizando-as criticamente, enriquecendo a vivência de cidadania.”

“Desenvolver uma atitude de empatia e solidariedade para com aqueles que sofrem discriminação”.

“Repudiar toda a discriminação baseadas em diferenças de raça/etnia, classe social, crença religiosa, sexo e outras características individuais os sociais.”

Alguns textos sobre Africanidades e Educação, da Profª Drª Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva, da Universidade Federal de São Carlos, referência brasileira no estudo de práticas pedagógicas e cultura africana. Usei também textos de alguns sites de discussão sobre ações em cultura afrobrasileira.

Como recursos audiovisuais, usei os filmes **“Amistad”**, de Steven Spielberg, o qual causou grande impacto nos alunos e **“Hotel Ruanda”**, de Terry George:



Alguns depoimentos colhidos em depositário virtual de vídeos, CDs temáticos sobre cultura africana, em especial o cd **“Astrolábio”** do grupo **Mawaca**:



Capa do cd Astrolábio



Grupo Mawaca

Deste grupo também usei um material teórico usado em oficina de música e cultura africana para professores do Estado, ministrado pela compositora e pesquisadoras Berenice Almeida e Magda Pucci, esta última, diretora musical do grupo.

METODOLOGIA

Como nossa escola dispõe de ótimos recursos audiovisuais e computadores ligados à internet procurei inserir os alunos também no contexto tecnológico, auxiliando-os nas pesquisas de textos, imagens e outros materiais que pudessem ajudá-los a compreender os conteúdos trabalhados.

Antes de iniciar as produções artísticas, houve uma pesquisa para escolha dos modelos a serem usados como base, no caso das produções das máscaras e das telas. No caso da dança, houve uma pesquisa em sites de vídeos sobre inúmeras danças de origem africana. Alguns passos são peculiares a determinadas regiões da África e isso pôde ser constatado durante a pesquisa. Os alunos foram construindo aos poucos a coreografia e eu auxiliei apenas quando necessário.

O projeto teve duração de dois meses, iniciando na primeira semana de outubro e culminando com a Semana da Consciência Negra em novembro de 2009. No ano seguinte, o projeto começou a ser desenvolvido no início do ano letivo. As atividades foram desenvolvidas durante as aulas de Artes. Nessas aulas, os alunos construíram seu conhecimento à medida que participavam dos debates, faziam as leituras de texto e iam se

apropriando dos conteúdos trabalhados. A questão do convívio na escola, do respeito e da sua identificação enquanto sujeito afrodescendente foi aos poucos sendo esclarecida pelos alunos, pois vários debates foram promovidos para aqueles que eram constantemente agredidos verbalmente pudessem expressar seus sentimentos e os agressores pudessem entender o efeito negativo de suas ações. Até mesmo um jogo dramático foi usado, fazendo o agressor ‘mudar de lugar’ para gerar uma empatia pelo agredido.

AVALIAÇÃO

Durante todo o projeto os alunos foram avaliados pela sua participação nas etapas de desenvolvimento. Houve avaliação formal no final do bimestre contemplando os conteúdos explanados no projeto. As produções artísticas dos alunos que foram expostas e a coreografia africana também foram usadas como instrumento de avaliação.

Todo o desenvolvimento foi documentado por meio de fotos e vídeos e os depoimentos dos alunos participantes serviu de certa forma como um termômetro da aceitação do projeto perante a comunidade escolar.

CULMINÂNCIA DO PROJETO

O fechamento do projeto ocorreu com uma grande festa, socializando os resultados dos trabalhos dos alunos e o ponto chave foi a coreografia “Sansa Kroma” com os alunos da 5ª série A. Com o auxílio da professora de História, Rosely, um grupo de Capoeira Angola foi convidado para fazer uma roda com os alunos da escola, gerando uma interação escola/comunidade.

Momento de preparação da “Rainha Africana” e suas súditas.



A Apresentação

E a platéia aguarda...



Grupo de Capoeira Angola convidado. Ao fundo, exposição das telas dos alunos da 5ª Série C

Apresentação da coreografia “Sansa Kroma” com os alunos da 5ª Série A.



Apresentação de Capoeira Angola



Participação de alguns alunos...



Nossa escola ficou linda...



Ao final, colhi depoimentos de alguns alunos sobre a participação deles no projeto. Todos foram unânimes em afirmar que este trouxe informações importantes para seu

conhecimento e que gostaram muito de participar. Aqueles agressores manifestaram entender o papel da cidadania, respeito mútuo e se reconheceram como de fato afrodescendentes.



Toda a indumentária da coreografia (tecido, brincos, colares, pulseiras, cosméticos, aplique de cabelo) foi adquirida com meus recursos financeiros. As telas, tintas e demais materiais para confecção das produções visuais foram cedidas pela escola.



Eu e as meninas dançarinas.

CONSIDERAÇÕES

Desenvolver esse projeto foi de suma importância para a construção da cidadania e para a compreensão da diversidade cultural, sobretudo da cultura afrobrasileira.

Nossos alunos vivem uma realidade de segregação e rejeição por parte da sociedade. Parte da herança cultural deles vem da falta instrução dos pais, que também parecem não transmitir valores éticos e de cidadania para seus filhos.

A escola enquanto ambiente que promove a formação da criança e do adolescente procura preencher as lacunas encontradas na educação formadora destes, contudo, crê que a base de toda a formação do indivíduo ainda é a família.

Minha felicidade foi constatar que, à medida que o projeto foi sendo desenvolvido, os alunos encontravam sua identidade. As questões: origem étnica, cor de pele, cultura, miscigenação, respeito ao próximo e ética foram amplamente debatidas em sala de aula e pude perceber a empolgação desses alunos frente às novas descobertas. A culminância do projeto gerou uma satisfação genuína e geral, pois eles se sentiram sujeitos ativos da construção do seu próprio conhecimento e o reconhecimento disso veio em forma de produção artística.

Mesmo diante de todo esse envolvimento, o amadurecimento das idéias se dará a médio ou longo prazo. Seria utopia dizer que o projeto veio a sanar toda a problemática do preconceito racial, mas é certo afirmar que a incidência desses fatos diminuiu consideravelmente e ainda hoje é feita uma retomada de debates sobre auto-aceitação e reconhecimento de si próprio, enquanto afrodescendente, resgatando valores.

Pra mim, enquanto professora de arte, foi a realização de um projeto que em tão pouco tempo deu certo e contemplou um tema tão importante e ao mesmo tão esquecido em nossas escolas: a cultura afro-brasileira.

Para mim, enquanto cidadã afrodescendente, foi a contemplação de uma nova geração entendendo a pluralidade cultural e a diversidade da nossa gente, da nossa origem e da nossa história.

O mais importante foi perceber que mesmo após a aplicação do projeto, os alunos buscavam por conta própria mais informações sobre a cultura afro-brasileira. A história da Diáspora foi desmistificada. A consciência da dívida histórica do país com relação ao povo negro foi percebida na fala dos alunos.

Esse projeto recebeu menção honrosa na I Conferência Municipal de Igualdade Racial do município de Jundiaí, promovido pela Coordenadoria Especial de Políticas Públicas Para a Igualdade Racial, órgão criado neste ano de 2013.

Em eixo temático intitulado “Estratégias para o desenvolvimento e o enfrentamento ao racismo” na referida Conferência, o projeto foi apresentado e o mesmo foi muito elogiado.



Eu, os alunos da dança e o grupo Capoeira Angola.

REFERÊNCIAS

A presença negra no Brasil – Josué Geraldo Botura do Carmo:

<http://www.educacaoliteratura.com.br/index%20156.htm> capturado em 23/09/2009

A participação do negro na formação do povo brasileiro:

<http://www.educacaoliteratura.com.br/index%20157.htm> capturado em 23/09/2009

Africanidades Brasileiras: Esclarecendo significados e definindo procedimentos pedagógicos – Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva:

<http://www.smec.salvador.ba.gov.br/site/documentos/espaco-virtual/espaco-praxis-pedagogicas/BANCO%20DE%20SUGEST%C3%95ES%20DE%20ATIVIDADES/africanidades%20brasileiras.pdf> capturado em 8/10/2009.

As crianças e a lei 10639/03 – Yvie Favero:

http://www.palmares.gov.br/005/00502001.jsp?ttCD_CHAVE=466 capturado em 12/07/2010

ALAMEIDA, Berenice de e PUCCI, Magda. *A música na cultura africana – África e suas músicas* – Curso de trajetórias Sonoras. Mogi das Cruzes - 2009

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental – *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos Temas Transversais* – Brasília: MEC/SEF, 1998.

LOPES, Ana Lúcia. *Currículo, escola e relações étnico-raciais*. In: *Educação Africanidades Brasil*. MEC – SECAD – UnB – CEAD – Faculdade de Educação. 2006.